

# O CONTROLE DO GÊNERO TEXTUAL/SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS NA MOTIVAÇÃO DA VARIAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA: APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

Raquel Meister Ko. Freitag (Universidade Federal de Sergipe)

Mariléia Reis (Universidade do Sul de Santa Catarina)

Ângela Cristina Di Palma Back (Universidade do Extremo Sul Catarinense)

Cláudia Andrea Rost-Snichelotto (Universidade Federal de Santa Catarina)

Diane Dal Mago (Universidade do Sul de Santa Catarina)

*RESUMO: Na Sociolinguística de orientação laboviana, a variável seqüência discursiva tem se mostrado relevante na análise de fenômenos de variação e mudança. Entretanto, os critérios para a definição e delimitação dessa variável são escorregadios e, em alguns casos, divergentes. Discutimos, neste texto, estratégias de controle da variável, analisando propostas de controle de seqüências discursivas subcategorizadas em 'narrativa', 'argumentação' e 'descrição', além de uma proposta de análise mais refinada para as seqüências narrativas.*

*PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Seqüências discursivas. Entrevista sociolinguística. Metodologia.*

*ABSTRACT: The 'discursive sequence' is a relevant linguistic variable in the analysis of variation and change phenomena follows Labov sociolinguistic approach. However, the criteria for the definition and delimitation this variable are confused and, in some cases, divergent. In this text, control strategies of the 'discursive sequence' are discussed, and the analyses focuses control proposal of 'narrative', 'argumentative' and 'descriptive' sequences and also a more refined proposal of analysis for the narratives sequences.*

*KEY WORDS: Linguistic variation. Discursive sequences. Interview. Sociolinguistic. Methodology.*

## 1. Introdução<sup>1</sup>

A variável *seqüência discursiva* tem se mostrado significativa em vários trabalhos que tratam de variação e mudança, especialmente no âmbito mais discursivo (categorias verbais,

---

<sup>1</sup> Este artigo sumariza nossas discussões, travadas há certo tempo, e apresentadas formalmente à comunidade científica em dois momentos: na sessão "Classificação das seqüências discursivas em entrevistas sociolinguísticas", (6º CELSUL, 2004), e na sessão "Gêneros discursivos na sociolinguística: procedimentos metodológicos" (4º SIGET, 2007).

conectores, marcadores discursivos etc.), e que tomam como amostra os *corpora* sociolinguísticos, como o banco de dados dos projetos VARSUL e NUPESS<sup>2</sup>.

Paredes Silva (1999) aponta três abordagens para seqüências discursivas que têm relação com a pesquisa sociolinguística laboviana: a abordagem da estrutura da entrevista sociolinguística; a influência do gênero textual sobre determinada variável linguística; e a caracterização do gênero pela recorrência de determinada variável linguística. Discutimos, neste artigo, a primeira e a segunda abordagens, partindo do pressuposto de que a entrevista sociolinguística é um procedimento metodológico para coletar dados de fala em situações comunicativas naturais e espontâneas, visando a diminuir a influência do paradoxo do observador (LABOV, 1972). Propomos uma discussão sobre a pertinência de se considerar o gênero textual/seqüências discursivas em fenômenos de variação linguística, discutindo a proposta de controle de *seqüências discursivas* subcategorizadas em ‘narrativa’, ‘argumentação’ e ‘descrição’, e uma proposta de análise mais detalhada para as seqüências narrativas.

## 2. Gênero *versus* seqüência discursiva

Bakhtin [Volochinov] (1992, p. 42) afirma que, até o início do século XX, por exemplo, a psicologia do corpo social (ambiente inicial dos atos de fala de toda espécie) era estudada apenas a partir de um único ponto de vista, o do *tema*. Entretanto, ao considerar esta perspectiva insuficiente, acrescenta-lhe mais um ponto de vista: o dos *tipos e formas de discurso*, por meio dos quais os temas tomam forma, são comentados, realizam-se, são experienciados. Bakhtin considera, então, que o *tema*, a *estrutura composicional* e o *estilo* constituem elementos designativos de um gênero a que o falante se sujeitaria.

---

<sup>2</sup> O projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil) tem por objetivos o armazenamento e a disponibilização de amostras de fala de habitantes característicos de áreas urbanas representativas de cada um dos três estados da região sul do Brasil. O banco de dados do NUPESS (Núcleo de Pesquisas Sociolinguísticas da UNESCO) representa a região da AMREC (Associação dos Municípios da Região Carbonífera).

Os *gêneros do discurso* se reconhecem como tal porque, ligados à forma como se materializam socialmente (o *tema*, a *estrutura composicional* e o *estilo*), estão subjacentes suas condições de produção, que pressupõem espaço de circulação, domínio social e audiência. Dependendo da especificidade de cada um desses parâmetros, temos um gênero em evidência. Assim, no domínio jornalístico emergem gêneros como a notícia e a crônica, por exemplo; já no domínio comercial, têm-se como exemplos cartas e memorandos.

As *seqüências discursivas* (narração, descrição, argumentação<sup>3</sup>) compõem os mais variados gêneros (notícia, crônica, cartas, memorandos etc.), perpassando-os e organizando o discurso, o que pode inclusive caracterizar o próprio gênero. Para Labov (2001), as entrevistas sociolinguísticas estão, basicamente, assentadas na seqüencialidade, temporalidade e iconicidade, com relação aos fatos vividos, a partir da experiência pessoal do entrevistado. Essa característica faz com que tendamos a enquadrá-las como um gênero ligado ao domínio do cotidiano. Como a entrevista sociolinguística tende a ser constituída predominantemente por narrativas,<sup>4</sup> com as mais variadas funções, garantindo a seqüencialidade temporal e, muitas vezes, colocando o entrevistado em posição privilegiada (função de engrandecimento) perante os episódios narrados, podemos também enquadrá-la no domínio da arte, junto aos mitos, sagas, lendas, histórias literárias contadas pela tradição oral, diferenciando-se apenas pela complexidade dos ciclos narrativos. Podemos ainda enquadrá-la no domínio científico, por constituir-se em um instrumental metodológico para coletar dados de fala em situações comunicativas naturais e espontâneas, visando a pesquisar fenômenos que caracterizam o vernáculo. Assim, é com todo o cuidado que passamos a chamar as entrevistas sociolinguísticas de gênero, entendendo ser esse do domínio da ciência da linguagem. A própria concepção de gênero confere à entrevista sociolinguística o caráter social que

---

<sup>3</sup> Adam (1992) classifica as seqüências discursivas em narrativas, descritivas, argumentativas e explicativas. Tomaremos apenas as três primeiras para a discussão, uma vez que estas são as encontradas nos estudos sociolinguísticos analisados.

<sup>4</sup>As entrevistas sociolinguísticas são formadas predominantemente por seqüências narrativas, mas apresentam outros tipos de seqüências: descritivas, expositivas, procedurais.

desejamos, não só pelo nome ‘sociolinguística’, mas também pelos propósitos comunicativos aí pressupostos.

Ao se trabalhar com fenômenos de variação e mudança linguística que se manifestam em entrevistas sociolinguísticas, opta-se por um modelo metodológico que envolve análise estatística, o modelo da sociolinguística variacionista laboviana (ou sociolinguística quantitativa). Decorre disso um problema analítico se isolarmos os dados e tentarmos fazer generalizações, visto que cada ocorrência de uma variável vem inserida em um enunciado e, conseqüentemente, em um contexto social, que abarca uma gama de fatores que influenciam a escolha do falante. Há várias forças simultâneas atuando em diversas direções; isolá-las pode levar a generalizações inválidas. Apesar dos motivos contrários à adoção da classificação e categorização de seqüências discursivas na entrevista sociolinguística, temos evidências de sua produtividade, o que nos levou a uma revisão acerca do modo como essa variável tem sido controlada nos estudos sociolinguísticos.

### 3. Seqüências discursivas: a classificação por subcategorias

A seguir, apresentamos as definições de *seqüências discursivas* adotadas em trabalhos de variação e mudança que tomam como base amostras de bancos de dados sociolinguísticos e tecemos algumas considerações, para uma tentativa de sistematização do controle do tipo de seqüência discursiva como variável sociolinguística. Agrupamos o recorte sugerido em três subcategorias: *seqüências narrativas*, *descritivas* e *argumentativas*. Incluímos também o *discurso reportado*, dada sua peculiaridade e dificuldade de categorização.

#### 3.1 Seqüências narrativas

A seqüência narrativa é recorrente nas entrevistas sociolinguísticas porque o roteiro das perguntas leva o informante a fazer relatos, contar fatos que se sucederam em determinado

tempo e local, envolvendo-o ou que dizem respeito a pessoas de sua convivência. A seqüência narrativa é um trecho constituído por relatos verbais (predominantemente) de fatos, acontecimentos ocorridos no passado e que podem se prolongar por um determinado tempo, em que aparecem ambientes, pessoas e uma sucessão temporal, ou seja, ocorre uma evolução no tempo, não há estaticidade. Vejamos algumas propostas de análise, especificamente a distinção entre seqüência ‘narrativa’ e de ‘descrição de vida’.

Valle caracteriza a seqüência ‘descrição de vida’ como sendo: “trechos em que são relatadas situações habituais ocorridas no passado, como idas do informante à escola, como passava as suas tardes, com o que costumava brincar etc.” (VALLE, 2001, p. 116). Já a ‘narrativa’ é definida como “trecho constituído por relatos verbais de fatos particulares ocorridos no passado, como a conquista de uma corrida, o primeiro beijo, uma viagem etc.” (p. 16). De acordo com a autora, (1) e (2) podem ser classificadas como descrição de vida e narrativa, respectivamente.

(1) E o meu pai era pescador, né? ... então a gente sempre ia ali esperar meu pai, às seis horas, que saísse do serviço, ele vinha nos ver. Muitas vezes, ele viajava longe com uma lancha chamada Lancha São Francisco, ... sabe? então atravessava... (FLP 18)

(2) Aí eu tava dormindo, tudo e... eu tava com uma dor de cabeça, a minha mãe saiu pra pegar um óleo de: ungir, não tem? e passou, assim na minha cabeça, orou, tudo. “Pelo amor de Deus, que cure o meu filho, que tal”. Aí chegou num dia pro outro eu fui dormir e curou, assim, passou a dor, passou a dor de cabeça assim, na hora. (FLP 10)

Tavares (2003) adota a mesma tipologia de Valle (2001): ‘descrição de vida’ é definida como “relato de fatos que ocorriam habitualmente no passado, com predomínio de verbos no pretérito imperfeito” (*op. cit.*, p. 213). E narrativa é “relato em que o informante conta um ou mais fatos que se passaram em certo tempo e lugar, envolvendo determinados personagens, com grande presença de verbos no pretérito perfeito” (*op. cit.* p. 212). O excerto (3) representa a seqüência descrição de vida e (4) narração (TAVARES, 2003).

(3) Naquela época não havia empregada. Era só assim como eu estou falando. A gente achava uma pessoa pra ficar com a gente, uns tempos, pra ajudar. A gente pagava, aí a pessoa ficava ali, né? Não é dizer que era uma empregada. Era uma pessoa pra serviço. A gente mandava fazer aquilo pra fazer. Dois, três ou quatro meses e ia embora. (FLP 08)

(4) Então às vezes, quebramos uma telha da vizinha, a vizinha foi fazer queixa pro pai. Mas a mãe não fez nada, não. Ele, ela veio fazer queixa pra mãe, mas a mãe não contou nada. Mas ela sabia que a mãe não fazia nada, ela foi fazer queixa pro pai. Aí o pai deu uma surra em nós, tão grande, que só vendo. (FLP 18)

Ambos os excertos desenvolvem uma situação passada, com progressão temática e sequenciação temporal. A diferenciação entre a ‘descrição de vida’ e a ‘narrativa’ adotada por Tavares (2003) parece resumir-se no fato de que (3) apresenta verbos no pretérito imperfeito, enquanto (4) os verbos estão no pretérito perfeito.

(5) E: Era muito complicado o serviço ali na prefeitura?

F: Era todo dia a mesma coisa, né? você paga, recebe, todo dia a mesma coisa, quer dizer, pouca diferença muda. Mas, quer dizer, tempo que eu estou aposentada, quando eu trabalhava, quer dizer, era menor a cidade, quer dizer, era menos serviço, né? agora depois de dez anos, ela cresceu muito, né? quer dizer, quando eu trabalhava, eu era sozinha na tesouraria... Pagava, recebia, tudo isso aí agora já tem três, quatro, para um lugar só, né? quer dizer, tem o caixa, tem o tesoureiro, tem – E na minha época é só o tesoureiro que tinha. Era mais – mas a gente também há de vir que era menor a cidade, quer dizer, o serviço era menor também, né? (LDN 11)

(6) aquela época que era boa, né? Cidade era pequena, a gente conhecia, assim, todo mundo. A gente comprava comida assim: eu gosto às vezes de lingüiça, a gente comprava tudo de bastante, né? de assim, de saco. Não se comprava nada em quilo, tudo era saco. A gente ia na praia, onde tem mercado hoje, vinham as canoas, ali a gente comprava uma saca de farinha, saco de feijão, era quilos de costela seca, carne seca, bastante lingüiça, manteiga se comprava era de lata. Quer dizer, tinha mais fartura. E agora tem-se dinheiro e não tem fartura, né? Tudo caro, a gente compra tudo de quilinho, que senão não dá, né? (FLP 08)

Os excertos (5) e (6) exemplificam narrativas, pois falam de fatos, eventos que se sucederam em um determinado espaço e tempo, envolvendo pessoas. O contexto narrativo se caracteriza por apresentar dinamicidade, ou seja, há sempre algo ocorrendo que indica algum movimento, alguma ação a que os verbos têm o papel de representar. Independentemente da forma como o passado estiver representado por eles, ou seja, mesmo que os verbos estejam no pretérito imperfeito, a ação, o evento se sucede em determinado tempo e lugar, cuja interpretação, em certos momentos, dá-se em torno de fatos verbais plurais que são reiterados no passado. A denominação ‘descrição de vida’ (MACEDO; SILVA, 1996) parece não ser adequada, pois seqüências narrativas caracterizam-se pela sequenciação cronológica de eventos, não necessariamente completos, haja vista que os fatos podem ter uma seqüência posterior, isto é, não acabada até o momento presente da entrevista.

O assunto presente nos contextos narrativos carrega traços mais relacionados a experiências humanas com o mundo concreto (“tempo que eu estou aposentada, quando eu trabalhava”), (“a gente conhecia, assim, todo mundo, a gente ia na praia, a gente comprava uma saca de farinha, saco de feijão”), o que, em tese, demandaria menor esforço cognitivo, diferentemente de seqüências argumentativas, que, por envolverem exposição de pontos vistas, discussões acerca de determinados assuntos, exigiriam do falante mais complexidade de raciocínio.

Valle (2001), baseada em Gavazzi (1998), Macedo e Silva (1996) e Guy et al (1986), diferencia as *seqüências* ‘descrição de vida’ e ‘narrativa’, o que, de acordo com a nossa proposta, poderiam ser consideradas como da mesma tipologia, já que ambas reportam algo ocorrido no passado, relacionando tempo, espaço, movimento, independentemente de o verbo estar no perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito.

### 3.2 Seqüências descritivas

A entrevista sociolinguística pode incorporar uma variedade de seqüências discursivas face ao tópico desenvolvido pelo entrevistador: história familiar, história pessoal, rede de integração, de difusão, de origem e de referência do entrevistado. Nesse sentido, em vários trechos, observa-se que o informante, para atender a uma possível solicitação do entrevistador, “descreve para completar, descreve para ensinar, descreve para classificar, descreve para explicar”. Fica evidente, em alguns contextos, o papel que as seqüências descritivas desempenham. Embora essa classificação pareça simples, têm-se os seguintes questionamentos: i) de que outros meios se serve o entrevistado para inserir descrições na entrevista? ii) quais mecanismos lingüísticos caracterizam seqüências descritivas? e (iii) como definir o escopo de uma seqüência dessa natureza?

Nas pesquisas de Tavares (1999; 2003), Dal Mago (2001), Valle (2001), Rost (2002), Martins (2003), e Freitag (2003) – que envolvem categorias verbais, conectores e marcadores discursivos – foram controlados trechos de sequência descritiva. Entretanto, verifica-se, em cada trabalho, sutis variações quanto à caracterização desses contextos. Em sua maioria, as autoras caracterizam sequência descritiva como aquele trecho em que há o detalhamento de um fato, objeto ou pessoa. Dal Mago (2001) optou por definir esse tipo de contexto nas entrevistas a partir de perguntas como “como fez ou é tal coisa...” ou “descreva...”, ao passo que Freitag (2003) restringiu os contextos descritivos àqueles em que “o informante detalha como se faz algo”. O tempo verbal também foi considerado na sequência descritiva por Valle (2001) e Martins (2003), a saber: “trecho, tanto no passado quanto no presente, em que um objeto ou uma pessoa é caracterizado”, ou ainda, “tipo de sequência discursiva em que se relatam as características de uma pessoa, de um objeto ou de uma situação qualquer, inscritos num certo momento.” Evidencia-se, portanto, que, na definição de dada sequência descritiva, ora, para algumas autoras, há um conjunto de características de objetos, ora, para outras, uma gama de ações (*como fez algo*). Não há unanimidade na caracterização desse tipo de contexto. Seria a natureza de alguns trabalhos, ou o atendimento à solicitação do entrevistador que conduzem à caracterização de sequências descritivas por seus autores? Ou ainda, que critério usar para alargar ou restringir um contexto descritivo?

Verifica-se, em alguns trabalhos, a sobreposição de sequências discursivas de caráter narrativo e descritivo, conforme (7).

(7) É que a minha vó morreu quando a minha irmã nasceu, no caso, faz dez anos, né? Aí o meu avô casou de novo, e aí no caso eu tenho uma vodrasta, que a maioria da família não gosta muito dela porque ela é muito assim, sabe, mandona, quer que a gente chame ela de tia, dessas coisas assim, sabe? caso de vó. (FLP 28).

O trecho em (7) não se constitui apenas de uma sequência descritiva, como exemplifica a autora, mas antes um contexto narrativo, no qual o entrevistado intercala um comentário

descritivo.<sup>5</sup> Nesse caso, o uso do intensificador *muito* e do adjetivo *mandona* funciona como uma espécie de aparte, que ressalta o ponto de vista do entrevistado, conforme Moreira de Sá (1999, p. 62), a respeito da “vodrastra”. Assim, algumas marcas lingüísticas, como uso de intensificador e de adjetivo, podem encaminhar a uma interpretação avaliativo-referencial que, a um só tempo, transmite um conteúdo informacional e veicula uma orientação pragmática. Nesse sentido, sequências descritivas, muitas vezes, têm função predominantemente avaliativa na construção do discurso, funcionando como um pano de fundo, o que explica e situa a ação (nos contextos narrativos) ou o que comenta e justifica os trechos argumentativos. Corroborando ao posto por Moreira de Sá, vale resgatar as considerações de Labov e Waletzky ([1967] 2003), segundo as quais a avaliação é típica de narrativas de experiências pessoais, manifestando-se de *n* maneiras, desde seções formalmente definidas a seções cuja delimitação demanda mecanismos funcionais. A avaliação, então, apresenta-se revelando a atitude do narrador para com o que se narra, e um dos mecanismos acionados para isso é o semântico-discursivo, por meio do qual se faz uso de intensificadores, a exemplo do que ocorre em (7).

Em contrapartida, segundo Moreira de Sá (1999, p. 61), o papel desempenhado pelas sequências descritivas não é apenas periférico, mas altamente relevante, pois elas servem para transmitir um saber necessário à compreensão do desenrolar dos acontecimentos (descrição informativa), além de poder veicular um comentário apreciativo (descrição avaliativa).

Além do caráter multifuncional da descrição (avaliativo-referencial), nela co-ocorrem diversos mecanismos lingüísticos e artifícios retóricos que dão forma à avaliação, o que se evidencia no excerto (8), (ROST, 2002, p. 102).

(8) E: E pelo jeito tu também eras fogo, né?

---

<sup>5</sup> Há outro fator envolvido aqui: o escopo. Em (7), o dado SABE? se encontra numa sequência caracterizada pela autora como ‘descritiva’, levando-nos de volta ao problema em se estipular critérios para delimitar/identificar uma sequência discursiva. Em função do objeto de análise, o foco da lente se ajuste mais ou menos. No caso de Valle (2001), o critério foi mais local. O dado em análise está numa sequência descritiva, que, por sua vez, se insere numa sequência narrativa.

F: Tu vê. É. É, eu era fogo, é. Mas era. O meu irmão também era assim, igual a mim. É, ele me acompanhava. (FLP 18).

A comparação e a forma verbal no imperfeito, em (8), acentuam o caráter avaliativo desse enunciado: essa sequência descritiva possui mais do que um mero sentido referencial e informativo, que é o desenvolvimento de um argumento a partir de uma solicitação do entrevistador.

Moreira de Sá (1999, p. 63) destaca que o modo como a sequência descritiva se insere em contextos narrativos, encaixando-se de forma natural, parece ser uma característica de descrição de ações.

Em suma, destacamos a necessidade de melhor caracterizar as sequências descritivas inseridas nas entrevistas, pois se expressam linguisticamente por meio de intensificadores, adjetivos e tempos verbais para veicular não-somente informações referenciais, mas também avaliativas.

### 3.3 Sequências argumentativas

Dada a natureza da entrevista sociolinguística, contextos argumentativos são bastante recorrentes. A seguir, apresentamos as classificações adotadas para a variável em trabalhos já concluídos e discutimos alguns pontos significativos que devem ser considerados na classificação das sequências discursivas argumentativas.

A sequência discursiva de caráter argumentativo, ilustrada em (9) (TAVARES, 1999, p. 85-86), costuma ser definida como exposição ou justificativa do ponto de vista do falante sobre determinado tema.

(9) Agora têm muitas que estão nessa vida porque gostam disso aí, gostam de zoeira, essas coisas, e muitas estão ali obrigadas, né? Então, eu respeito todo ser humano, agora, pra mim, eu acho isso assim, pra mim, a minha índole, eu acho errado. Que eu acho que tem tanto serviço que a pessoa podia ter mais, né? todo ser humano é capaz a qualquer coisa que quer na vida. (FLP 05)

Valle (2001) acrescenta que as seqüências argumentativas costumam ocorrer no tempo presente e com freqüente uso de modalizadores, como *eu acho, pra mim* etc. De fato, as seqüências discursivas argumentativas são o ambiente lingüístico mais propício para a ocorrência das expressões apontadas por Valle, pois, em argumentações, o falante manifesta seu posicionamento ou grau de adesão sobre o que está falando, codificado linguisticamente pela *modalidade*. Porém, não é recomendável valer-se das pistas lingüísticas para caracterizar uma seqüência discursiva. Qual a classificação da seqüência discursiva do excerto (10)?

(10) E: Essa parte aqui é, digamos, é o Alto Boqueirão, ou não, como é que é?

E: Pois eu não sei. O Alto Boqueirão acho que é pro lado do Terminal, eu acho que lá é que deve ser o Alto, aqui acho que é o início do Boqueirão, né? que vai indo e que o Alto é lá pro final. Quer dizer, eu acredito que é isso, a gente nem sabe direito como é, só faz parte do Boqueirão. Boqueirão e Carmo, né? Que o Carmo já é mais aqui perto do quartel, né? (CTB 12)

Apesar da profusão de marcas de modalidade, expressas pelos verbos *saber, achar, acreditar, dever*, esta seqüência não pode ser considerada como argumentativa, pois o falante não está expondo ou justificando algum assunto, apenas manifestando sua dúvida quanto à sua localização: há o componente modal, manifestado pela incerteza quanto à localização, cuja seqüência pode ser classificada como descritiva, apesar das marcas de modalidade sugerirem argumentatividade. As “pistas lingüísticas”, portanto, não podem ser o critério que guie a classificação das seqüências discursivas, pois, como vimos observando, as classificações adotadas para as seqüências discursivas são, geralmente, direcionadas para o objeto de estudo.

Os estudos de Dal Mago (2001), sobre o *quer dizer*, e Freitag (2003), sobre *acho (que)* e *parece (que)*, tomam uma classificação bipartida para as seqüências discursivas argumentativas, ao tratarem das expressões que desempenham funções relacionadas à modalidade.

A classificação bipartida é inspirada em Guy *et al.* (1986), que diferenciam as seqüências argumentativas em *opiniões* e *explicações*. Seqüências explanativas são aquelas

em que o falante expõe o *motivo* ou a *razão* de determinados assuntos. Já as opinativas são caracterizadas pela expressão do *ponto de vista* do falante sobre determinado assunto. Os excertos (11) e (12) foram classificados, respectivamente, como explanação (DAL MAGO, 1999) e opinião (FREITAG, 2003).

(11) Mas é como eu disse para você, não adianta eles colocarem ônibus e ônibus. A população vai aumentando muito também, né? Então quer dizer, determinado conjunto abriu ali, três meses o ônibus passa vazio, mas já passou aqueles três meses, vem gente saindo pela janela. Quer dizer, eles até têm boa vontade, colocam mais ônibus, mas a população é muito grande, né? (CTB 19)

(12) E agora tá ruim de arrumar emprego para nós, né, pra eles está fácil, né? e acho que estão ainda mais ou menos, não tem? Fazendo o serviço deles, estão fazendo poucas coisas, não é? não precisa fazer muito e não precisa fazer menos, mas fazer média assim, mas está bom. (FLP 18)

Guy *et al.* (1986) sugerem que as seqüências argumentativas sejam relacionadas às questões colocadas pelo entrevistador. Seqüências explanativas são desencadeadas por perguntas como "*qual o motivo de x?*", "*por que x?*", já as opinativas são desencadeadas por perguntas dirigidas diretamente ao falante, como "*o que você acha/pensa de x?*".

Ampliando o contexto, ou seja, observando a pergunta e a resposta, a seqüência discursiva apresentada em (9), rerepresentada aqui como (13), de acordo com os critérios propostos por Guy *et al.* (1986), é uma explanação.

(13)

E: Na tua opinião, o que tu achas que leva as pessoas a fazerem isso? Porque elas vendem o corpo? Porque elas não vão fazer outra coisa?

F: Ah, eu não sei porque muita gente diz que eu sou muito, como é?, eu sou muito perfeccionista, isso, aquilo. Muitas estão ali por família jogar pra rua. Porque antigamente era bem diferente de hoje. Hoje se você tem uma filha, se ela erra, que como diz? errar, não é? que eu acho que isso é um passo que a pessoa dá, mas nem tudo é um erro. Então, o que eles faziam? Se não casasse, aí os pais jogavam pra rua, porque era vagabunda. Porque antigamente era assim. Então hoje tem um monte de coisa que não há mais necessidade disso aí. Muitas estão nesse sentido, tá? como você falou, a Tieta. Tieta foi daqueles tempos atrás, antigamente era assim, tá? Agora, hoje, é tudo mudado. Agora têm muitas que estão nessa vida porque gostam disso aí, gostam de zoeira, essas coisas, e muitas estão ali obrigadas, né? Então, eu respeito todo ser humano, agora, pra mim, eu acho isso assim, pra mim, a minha índole, eu acho errado. Que eu acho que tem tanto serviço que a pessoa podia ter mais, né? todo ser humano é capaz a qualquer coisa que quer na vida. (FLP 05)

Ampliando o contexto de (12), tem-se (14):

(14) E: Fernando Henrique Cardoso, o que que tu achas?

F: Ele é uma pessoa boa, né? que não resolve muita coisa, mas dá pra resistir, né? Agora que eles tão cobrando muito dinheiro de nós, né? Como é que é? O ônibus subiu, né? a gasolina subiu, essas coisas todas, né? E agora tá ruim de arrumar emprego para nós, né, pra eles está fácil, né? e acho que estão ainda mais ou menos, não tem? Fazendo o serviço deles, estão fazendo poucas coisas, não é? não precisa fazer muito e não precisa fazer menos, mas fazer média assim, mas está bom. (FLP 18)

O excerto (14) confirma o critério proposto por Guy *et al.* (1986), pois a questão sugerida pelo entrevistador (sublinhada em (14)) é a de que o falante manifeste seu ponto de vista.

Porém, observando o contexto de (11), em (15), nota-se que, apesar de a seqüência discursiva ter sido classificada como explanativa, o critério proposto por Guy *et al.* não foi seguido, pois a seqüência não é decorrente de uma pergunta do tipo “*qual o motivo de x?*” ou “*por que x?*”.

(15) F Como que você vê Curitiba hoje?

F Olha, o pessoal elogia muito o nosso prefeito, né? e é claro, como eu disse pra você, às vezes a pessoa até tem boa vontade, mas ele não manda sozinho. Tem outros que mandam com ele, né? Agora, por exemplo, esse apertadinho, que você falou aí o ligeirinho, eu não peguei nenhuma vez ele ainda, mas a gente sempre tem, né? vontade de ver passar aí na rua e sempre estão lotados, né? Mas é como eu disse pra você, não adianta eles colocarem ônibus e ônibus. A população vai aumentando muito também, né? Então quer dizer, determinado conjunto abriu ali, dois, três meses o ônibus passa vazio, mas já passou aqueles três meses, vem gente saindo pela janela. Quer dizer, também eles até têm boa vontade, coloca mais ônibus, mas a população é muito grande, né? o aumento da população.

A seqüência classificada como explanativa é decorrente de uma pergunta que solicita o ponto de vista do falante acerca de um assunto (sublinhado, em (15)), no caso, sobre como o falante vê a cidade de Curitiba atualmente. Há que se considerar que a carga de comprometimento expressa pelo verbo *ver* é relativamente menor do que a do verbo *achar*. Porém, ainda assim, cabe a questão: trata-se de uma seqüência explanativa ou opinativa? Para a classificação das seqüências argumentativas, há que se considerar a relação entre os limites temáticos (a pergunta do entrevistador) e o escopo da seqüência discursiva, sempre lembrando que as seqüências explanativas ou opinativas estão sob o escopo da avaliação na qual se observa a atitude do narrador para com aquilo que é narrado.

### 3.4 O discurso reportado

O discurso reportado (DR) é tradicionalmente investigado a partir da trilogia discurso direto, indireto e indireto livre, como se fossem consensuais as referidas divisões e

delimitações. Mesmo em se tratando de marcações evidentes de subordinação para dizer-nos que estamos diante de um discurso indireto, a abordagem tradicional de DR mascara a análise, por não considerar a composição do dizer, uma vez que o discurso reportado atravessa quaisquer seqüências discursivas, apresentando maior recorrência nas narrativas.

Em Rost (2002), a caracterização dada ao DR vem sob o rótulo de *citação*: “tipo de seqüência discursiva em que o falante corrente introduz a fala produzida por um terceiro, fora do evento conversacional em andamento, como apoio ao que diz (fala cuja autoria pode ser também do próprio informante)”.

(16) E: E eu não estava mais querendo saber de brincar assim de ficar o tempo todo com as minhas amigas. Eu estava querendo fazer aquilo ali. Aí ela achou assim que não, que as gurias eram menorzinhas, não sei quê, que podia me atrapalhar e tal. Daí ela foi cortando tipo: “Não vão fazer aqui, não sei quê.” Ou então foi me botando na cabeça; “Lúcia, olha só, tu já estás nessa idade, essas pirralhas aí atrás de ti todo tempo, não sei quê.” Aquelas coisas Aí eu fui me desligando, e a minha família era, principalmente, muito voltada assim pro esporte, né? (POA 20)

O exemplo (16) ilustra uma narrativa em que emerge, em determinados momentos, a fala do outro, de modo que há uma mudança quanto à orientação dêitica que passa a coincidir com o momento presente do reportante, característica do discurso direto que torna mais vívido o DR. Rost observa que, nesses contextos, os itens *olha* ou *veja* são produzidos pelo informante na tentativa de reproduzir fielmente as circunstâncias conversacionais.

Zilles e Faraco (2002), seguindo a orientação bakhtiniana, caracterizam o DR tanto como *uma enunciação na enunciação, quanto uma enunciação sobre a enunciação*.

(17) E: Tu estavas dizendo que tu não gostavas do jeito que o pessoal do Rio e São Paulo falava. Por quê?

F: Não, não é que eu não goste, o carioca eu acho o sotaque deles, eu acho bem gostoso, assim, sabe aquele

E: Os cariocas?

F: Os cariocas, é, “gostoso”, aquela coisa assim eu acho bem legal. O paulista eu já acho meio enjoado, né? nada pessoal, até porque eu tive um namorado paulista e ele é do interior assim, então, é “interiorzão” assim falava aquilo puxando no erre, sabe? (POA 28)

De acordo com Zilles e Faraco, (17) pode ser classificado como seqüência argumentativa, uma vez que a informante se posiciona acerca do que fala. Tal posicionamento compõe todo o excerto, que é altamente avaliativo, marcado tanto por expressões modais,

como “acho muito enjoado”, quanto por itens lexicais, como “gostoso”, “legal”. Sequências avaliativas, conforme Labov e Waletzky ([1967] 2003), são características de entrevistas sem as quais parece que o relato não possui função. Disso se conclui que o DR esteja, prototipicamente, inserido em sequências argumentativas. Delimitando ainda mais, como sugere Dal Mago (2001) e Freitag (2003), a partir da classificação bipartida de Guy *et al.* (1986), podemos classificar o exemplo como argumentativo explanativo. Contudo, há mais para se analisar, pois emerge dessa sequência a fala de *outrem*. Trata-se do DR perpassando a sequência argumentativa. Ainda segundo Labov e Waletzky ([1967] 2003), dentre as estratégias de avaliação, há aquelas que são culturalmente definidas, em que narrativa é reportada a um terceiro não-presente na narrativa.

Para Zilles e Faraco (2002), fica evidente que é outro nível de avaliação, fortemente integrado à estrutura da narrativa. Por exemplo: ao final de (17), há duas palavras destacadas, em que a informante introduz em sua fala um estereótipo da pronúncia carioca – o /s/ pós-vocálico realizado como fricativa palato-alveolar e popularmente descrito como ‘chiado’ – e um estereótipo da pronúncia paulista interiorana – o /r/ pós-vocálico como retroflexo. Além disso, ao dizer *gostoso*, o informante alonga a vogal da sílaba tônica, tornando a fala afetada, sem descrever com precisão (*aquela coisa assim*). Em relação ao falar paulista, o informante o caracteriza inicialmente como *enjoado*, um termo avaliativo negativo. A seguir, além de empregar o /r/ considerado comum naquele dialeto, o faz caracterizando-o como dialeto do interior, com o aumentativo intensificando a carga avaliativa negativa. Por fim, descreve tal pronúncia com os termos *puçando o erre, sabe?*, o que revela quão saliente é esse traço em sua percepção. Desse modo, neste trecho, pela inserção de duas palavras de *outros*, é possível perceber tanto a enunciação na enunciação quanto a enunciação sobre a enunciação.

Furtado da Cunha (2004) afirma que o DR pode ser descrito como um recurso utilizado na fala e na escrita quando o falante ou o escritor reportam o discurso (ou pensamento) de

outra pessoa, considerado em um tempo diferente do tempo de fala, sendo, geralmente, introduzido por verbos *dicendi* ou verbos de enunciação, cujo protótipo é o verbo *dizer*, seguido pela oração citada. O excerto (18) expõe uma faceta ainda pouco estudada, sobretudo em dados de fala que não podem ser enquadrados nem como discurso direto e nem como discurso indireto.

(18) Se alguém pergunta pra gente se você viu aquele filme. (*op. cit.*, p. 114)

Este tipo de ocorrência parece também não poder enquadrar-se no discurso indireto livre que, conforme aponta Garcia (1995, p. 130), apresenta características híbridas, como o próprio nome sugere, pois a fala de determinada pessoa (ou fragmentos dela) insere-se discretamente no discurso indireto através do qual o autor relata os fatos.

### 3.5 Considerações sobre a classificação de seqüências discursivas por subcategorias

Analisando as subcategorias de seqüências discursivas – seqüências descritivas, narrativas, argumentativas e o discurso reportado –, observamos que as tipologias constituídas para classificar as entrevistas sociolinguísticas não são consensuais e nem sempre partem de critérios consistentes.

Também observamos que os critérios de classificação das seqüências discursivas são estabelecidos a partir do objeto linguístico em análise: estudos que tratam de modalização, por exemplo, estabelecem critérios mais refinados para o controle de seqüências argumentativas, enquanto estudos que tratam de sequenciação refinam os critérios para o controle de seqüências narrativas.

Constatamos também a relação entre o tipo de assunto discorrido na entrevista e o tipo de seqüência discursiva. As perguntas dirigidas ao entrevistado funcionam como uma espécie de “gatilho”, que desencadeia um determinado tipo de seqüência discursiva. O controle do tipo de assunto discorrido, mais especificamente a pergunta dirigida ao entrevistado, é uma

pista significativa para o controle e classificação das seqüências discursivas nas entrevistas sociolingüísticas.

Nossas constatações apontam para a necessidade de se definir claramente qual é o escopo da seqüência discursiva. O controle do escopo temático ou do escopo linear, ou a oposição entre microseqüências e macroseqüências discursivas, parece ser decisivo para uma proposta de classificação de seqüências discursivas que abranja todo o tipo de fenômeno lingüístico.

Como um refinamento da proposta de classificação por subcategorias, propomos uma análise mais detalhada para um tipo de categoria: a narrativa. Estabelecemos como critério caracterizador de narrativa a temporalidade seqüencial, conforme proposto por Labov e Waletzky ([1967] 2003), Labov (1972), cujas adaptações podem ser comprovadas em Louzada Jr. (1992), Gorski (1994) e Freitag (2007).

#### 4. A narrativa sociolingüística

Narrativas orais são o ambiente ideal para o estudo quantitativo da variação, especialmente no plano discursivo, uma vez que são unidades naturalmente delimitadas do discurso, com uma estrutura interna regular, propiciando uma análise controlada e sistematizada dos aspectos formais e funcionais da variação (SCHIFFRIN, 1981, p. 45). A constituição de uma amostra de narrativas orais para a análise da variação requer o uso de uma estratégia de coleta conhecida como entrevista sociolingüística.

Entrevistas sociolingüísticas são caracterizadas pela peculiaridade do método, que visa a diminuir/evitar o que Labov (1972) chama de *paradoxo do observador*: o interesse da sociolingüística é analisar o vernáculo de uma comunidade de fala, ou seja, “o estilo em que o mínimo de atenção é dado ao monitoramento da fala” (*op. cit.*, p. 208). O vernáculo de uma comunidade de fala é a língua com que se conversa com os amigos ou se conta uma piada, ou

seja, o uso lingüístico espontâneo, ou com o menor monitoramento possível. Porém, a realização da entrevista depende da presença de um elemento estranho à comunidade, o pesquisador, em uma situação dialógica também estranha (a presença de um microfone e um gravador), gerando o paradoxo do observador: o pesquisador precisa estar presente para coletar uma quantidade de amostra do vernáculo adequada e dirigida aos seus estudos. Mas como fazer com que o falante fale espontaneamente o seu vernáculo diante de um pesquisador que irá tomar a sua fala como material de análise?

Estratégias para tentar minimizar os efeitos do paradoxo do observador costumam ser aplicadas, como o treinamento de um membro da comunidade para a coleta dos dados e a elaboração de um roteiro de entrevista dirigida para determinados temas com os quais o falante se envolva e esqueça-se de que está sendo gravado, como situações de risco de morte, fatos da infância etc., além de questões dissertativas sobre assunto específico (economia, esporte, política, religião) e questões procedurais (receita, “como chegar em...?”). Ao falar sobre experiências com as quais se envolveu afetivamente, o falante prende-se com o tema discorrido e se esquece de monitorar a fala. É esse o contexto de análise que interessa à sociolingüística laboviana: o contexto em que o falante fala o seu vernáculo. Falar sobre fatos da infância, sobre situações familiares complexas, sobre como era a vida na cidade, sobre uma situação de risco de morte, são alguns dos pontos abordados nas entrevistas.

O roteiro das entrevistas sociolingüísticas – organizado de modo a minimizar os efeitos do paradoxo do observador – funciona como um gatilho e direciona a fala do entrevistado, que vai se organizando em tipos/seqüências textuais, resultando um todo heterogêneo – a entrevista sociolingüística. É neste contexto que se insere o conceito de *narrativa* (LABOV, 2001). Labov define a *narrativa* como um método de recapitular a experiência passada por meio do alinhamento entre uma seqüência de proposições e uma de situações que ocorreram. A narrativa é a verbalização de experiências, um dos muitos meios disponíveis para reportar

situações passadas que estão armazenadas na biografia do narrador. A propriedade fundamental para caracterizar uma narrativa é a presença de *juntura temporal*, ou seja, a ordem da seqüência das proposições projeta a ordem da seqüência das situações reportadas.

Uma narrativa é construída sobre um *evento mais reportável*, um fato que mereça ser contado, que cativa a audiência, preferencialmente um fato o mais incomum possível e que tenha o máximo de conseqüências para o bem-estar do falante (LABOV, 2001, LABOV; WALETZKY, ([1967] 2003). Basicamente, uma narrativa é constituída pela:

- a) *inserção* da narrativa na estrutura conversacional por meio de um resumo (abstract);
- b) *orientação* do ouvinte para o lugar, tempo, atores e atividades da narrativa;
- c) *organização* temporal da ação de complicação por meio da *juntura temporal*;
- d) *avaliação* diferenciada das ações por meio de justaposição de situações reais ou potenciais pelo uso de predicados irrealis;
- e) término da narrativa trazendo a experiência para o presente, por meio da *coda*.

O conceito de narrativa de Labov trava relações com o de episódio de Van Dijk (2004), o qual propõe que esse seja considerado como uma unidade de análise de discurso, ficando num nível intermediário entre a unidade-oração e a unidade-texto, discurso ou conversação. A noção de episódio (e evento) pode ser expandida para além do tipo textual tradicionalmente denominado de narrativa. Ou seja, ele não é um componente dela, mas é uma unidade analítica que perpassa o tipo textual. Em um relato de opinião, por exemplo, o falante pode valer-se de um episódio para introduzir um fato à sua argumentação. Mesmo em uma descrição de vida, o falante pode ilustrar um fato corriqueiro do seu cotidiano evocando um episódio.

O episódio, então, passa a ser o ponto de partida que se pretende estabelecer como unidade de análise de narrativas. Ao delimitá-lo como unidade de análise, estamos

reconhecendo a dimensão cognitiva aí pressuposta. Para tanto, resgatemos a fala de Gorski (1994):

propõe-se que essa propriedade geral correlaciona-se à estocagem organizada de unidades de base semântico-cognitiva – os episódios e os eventos (percebidos como ações/estados que se desenrolam integradamente num espaço e tempo determinados, e cujos elementos estabelecem relações entre si). Assim, apesar de suas naturezas diferenciadas, podemos estabelecer uma correlação entre unidades de base semântico-discursiva, quais sejam, os tópicos e subtópicos, e *unidades de base semântico-cognitiva, a saber, os episódios e eventos*. (op. cit., p. 72, grifo nosso).

Atestar a produtividade de se fazer uso do episódio como unidade de análise, aplicando-o a estudos futuros com entrevistas sociolinguísticas, pode dar conta da avaliação dos prós e contras em se tomar esse tipo de entrevista no seu todo ou fragmentá-la em seqüências discursivas como unidades de análise, estabelecendo quais implicações essa decisão metodológica teria para a investigação sociolinguística. A entrevista sociolinguística passa a ser um todo, composto por, entre outras coisas, narrativas que se entrelaçam por conta de um foco de interesse (contexto comunicativo, tempo, lugar, participantes), encerrando, inclusive, descrições, argumentações e explicações. O analista, atento a essa constituição heterogênea, pode verificar junto aos seus dados (i) um nível estrutural responsável pela organização geral do texto, da qual fazem parte o *abstract*, *complicação* e *coda*, e (ii) outro nível, também responsável pela forma, mas com a característica funcional de esclarecer o conteúdo das demais. Trata-se da *orientação*, *avaliação* e, possivelmente, do *resultado*. A título de ilustração, a *avaliação*, por exemplo, pode espriar-se junto ao *abstract*, *complicação* ou mesmo à *coda*, ou apenas estar contido em um deles. Os estudos de Labov e Waletzky e de Louzada Júnior sugerem esse tipo de encaminhamento metodológico.

A concepção de a narrativa sociolinguística operar no domínio da linguagem como atividade discursiva e cognitiva decorre das condições de plena participação social vivenciada ao longo da vida, cujo repertório vai se estocando na história do indivíduo, de modo que o falante reconta suas experiências, e, por hipótese, deve refletir o modo como ele as organiza,

daí a narrativa ser uma unidade cognitiva. Labov (2006) focaliza esse aspecto ao observar que o narrador dispõe de um estoque de eventos a partir dos quais re-elabora, rearranja, conforme seu interesse; portanto, quando a narração se efetiva no domínio da língua como sistema simbólico utilizado pela comunidade lingüística, é porque a pré-construção já está completa.

## 5. Considerações finais

Neste texto, discutimos propostas de categorização para operacionalizar o controle da variável 'seqüência discursiva' em análises de fenômenos de variação e mudança lingüística, apresentando nossas limitações ao tomá-la como uma variável sob o aparato teórico-metodológico da Sociolingüística Variacionista. Apresentamos duas propostas de abordagem: uma voltada para a subcategorização das seqüências discursivas e outra focando especificamente o tratamento das seqüências narrativas, que pode ser desdobrada em unidades constitutivas ainda menores. Entretanto, ainda restam questões decorrentes do que foi discutido na seção 4, na qual se observou que as narrativas correlacionam o nível da estrutura da composição (*abstract*, *complicação* e *coda*), incluídas aí as orações com os mais variados papéis às funções discursivas (*orientação* e *avaliação*, por exemplo): Como, então se dá essa correlação? O que dá forma ao gênero entrevista sociolingüística é a estrutura composicional ou são as funções discursivas? Esperamos que mais trabalhos sejam desenvolvidos na área para que possamos aprimorar a descrição de uma metodologia de controle da influência do gênero que seja aplicável senão a todos, pelo menos à maioria dos fenômenos de variação e mudança lingüística com razoabilidade metodológica.

## Referências

- ADAM, Jean-Michel. *Les textes: Types et prototypes - Récit, description, argumentation et dialogue*. Paris: Nathan, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail M. [VOLOCHINOV, V. N.] *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1992.

- DAL MAGO, Diane. *Quer dizer: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. *A expressão do passado imperfectivo no português: variação/gramaticalização e mudança*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Variação e gramaticalização de acho (que) e parece (que) na fala de Florianópolis*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. A Transitividade de verbos dicendi. *Revista do Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste – GELNE*, v. 6, n.1, p. 111-125, 2004.
- GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 16. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.
- GAVAZZI, Sigrid Castro. *Fechamentos em entrevistas*. Niterói: EdUFF, 1998.
- GÖRSKI, Edair Maria. *O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita*. 1994. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.
- GUY, Gregory, HORVATH, Barbara, VONWILLER, Julia, DAISLEY, Elaine, ROGERS, Inge. An intonational change in progress in Australian English. In: *Language*, n. 15, p. 23-52, 1986.
- LABOV, William. Narrative pre-construction. In: *Narrative Inquiry*, n. 16, vol.1, p. 37-45, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Sociolinguistics patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.
- \_\_\_\_\_; WALETZKY, Joshua. Narrative analysis: oral versions of personal experience. (1967) In: PAULSTON, Cristina Bratt; TUCKER, Richard. (Eds.). *Sociolinguistics – the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 74-104.
- LOUZADA JÚNIOR, Attila. *Conceito ampliado de texto narrativo: um estudo discursivo-quantitativo*. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.
- MACEDO, Alzira, SILVA, Gisele Machline de Oliveira. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: A. Macedo, C. Roncarati, M. Mollica (orgs.), *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 11-49.
- MARTINS, Ladigenia Tereza Martins. *'Bom' e 'bem' e suas multifunções na fala da região sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.
- MOREIRA de SÁ, Maria da Piedade. A descrição na narrativa oral. *Revista do GELNE*, n. 1, 61-65, 1999.
- PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Os gêneros de discurso na sociolinguística laboviana. *Boletim da ABRALIN*, Florianópolis, v. 23, p. 81-93, 1999.
- ROST, Claudia Andrea. *Olha e veja: multifuncionalidade e variação*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

- TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Um estudo variacionista de AÍ, DAÍ, ENTÃO e E como conectores seqüenciadores retroativo-propulsores*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.
- VALLE, Carla. *SABE? ~ NÃO TEM? ~ ENTENDE?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivos*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.
- VAN DIJK, Teun A. *Cognição, discurso e interação*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto. Considerações sobre o discurso reportado em “corpus” da língua oral. IN: VANDRESEN, Paulino (org.). *Variação e mudança no português falado da região sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002, p. 15-45.